

## opinião

## FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luis Fria  
 DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila  
 SUPERINTENDENTES Carlos Fomes de Leão e Iadil Brito  
 CONSELHO EDITORIAL Fernando Diamant, Hélio Schwartzman,  
 José Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Laiza Helena Trajano,  
 Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pêssio Arão, Ronaldo Lemos,  
 Thiago Amparo, Luis Fria e Sérgio Dávila (secretário)  
 DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Faria  
 DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (finanças, planejamento  
 e novos negócios) Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais),  
 João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benes (comercial)

## EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Receita promete nova forma de ação; a ver

Projeto de lei que busca diferenciar bons e maus contribuintes é correto na teoria, mas sanha arrecadatória do governo petista preocupa

É positivo, ao menos em teoria, o projeto de lei enviado pelo governo ao Congresso com o objetivo declarado de melhorar a relação entre a Receita Federal — um órgão conhecido pela voracidade por recursos — e os contribuintes.

O intuito, correto, é desenvolver um sistema que incentive a conformidade de empresas, mude a lógica de antagonismo e reduza litígios. Não menos importante, busca-se diferenciar com maior clareza bons e maus pagadores, de modo que o fisco possa concentrar esforços nos devedores recorrentes. A proposta tem três partes: políticas de conformidade, medidas para controle de benefícios fiscais e a criação de um cadastro de devedores contumazes.

Quanto à conformidade, há três iniciativas. A primeira, voltada para empresas com faturamento mínimo de R\$ 1 bilhão anuais e dividas de R\$ 100 milhões, é o chamado Programa de Conformidade Cooperativa Fiscal (Concof). Instituído por norma da Receita em dezembro para uma fase de testes, o Concof abrange um universo de cerca de 1.600 pessoas jurídicas e almeja a resolução ágil e amigável de controvérsias tributárias. Na prática, busca-se maior disposição para autorealização das empresas, sem multa, no caso de não haver acordo em 120 dias. Asegunda providência do Sentença,

que abrange todos os contribuintes e estimula boas práticas, cultura mais cooperativa e interlocução eficaz entre fisco e empresas são certamente bem-vindos para melhorar o ambiente de negócios.

Há ainda regulamentação adicional do Operador Econômico Autorizado (OEA), uma modalidade existente desde 2015 para agilizar o comércio exterior.

Também é pertinente a busca do governo por melhor controle de incentivos fiscais, que proliferam sem controle no país. A ideia é que as empresas beneficiadas especifiquem de qual regra se valem. O cadastro de devedores contumazes, por fim, é medida óbvia para punir quem de fato explora as brechas da lei. Os piores casos são os daqueles que refinanciam dívidas fiscais repetidamente.

No agregado, deve-se apoiar aversão manifestada pelo secretário-geral da Receita, Robinson Barreirinhas, de que o antagonismo está ultrapassado, e o fisco moderno é o que orienta o bom contribuinte. São palavras sensatas, mas o desafio está na prática cotidiana. Como se sabe, qualquer mudança cultural ou institucional, para ser efetiva, depende de compromisso e aperfeiçoamentos continuados. A sanha arrecadatória do governo petista, num panorama de carga tributária já escuracante, é, de certo um motivo de preocupação.

## Navalni e a Rússia

Morte do principal opositor de Vladimir Putin na cadeia evidencia degeneração autoritária do país

Após um calvário de três anos, Alexei Navalni morreu em uma prisão russa num canto remoto do país, 40 km acima do Círculo Polar Ártico. Ele tinha apenas 47 anos.

Com ele desaparece não só o mais proeminente crítico de Vladimir Putin surgido na última década, mas também um dos últimos suspiros de oposição em um país onde a calcificação do sistema político virou um fim em si mesmo.

Não que Navalni fosse perfeito, muito ao contrário. Figura dada a polêmica, espousou visões chauvinistas e preconceituosas do mundo antes de ser adotado pelo Ocidente como o cavaleiro salvador da democracia russa.

Isso ele nunca foi. Os eleitores não chegaram a vê-lo como opção real a Putin, único homem que todos os nascidos a partir de agosto de 1999 viram como líder do país mais vasto do mundo.

Navalni tampouco dizia a que veio, como o proverbial cão que corre atrás de um automóvel e não tem ideia do que fazer quando enfim alcança seu objetivo. Falta-lhe espírito político e espírito político, para não falar de equidade.

Sobravam-lhe, contudo, engenho, expresso nos grandes protestos que mobilizou contra Putin, e coragem. Quando foi envenenado na Sibéria, acabou removido para tratamento na Alemanha.

Foderia ter ficado por lá com sua mulher e dois filhos, mas decidiu voltar a Moscou de forma temerária. Foi preso imediatamente e nunca mais deixou o cárcere, tendo uma pena de três anos e meio em julgamentos subsequentes.

O cheiro de perseguição política evidente se espalhou pelas condições de seu encarceramento, com longos períodos em celas solitárias e previsível declínio físico — que, nunca se deverá saber ao certo, pode ter sido central para sua morte.

É improvável que algo mude o Ocidente em relação a Vladimir Putin de assassino, e os russos tendem a manter a aprovação acima de 80% de seu líder em uma guerra que pode vencer contra a Ucrânia. Se tal cenário é multifatorial, incluindo o apoio genuíno a Putin, é certo que a morte de Navalni será marcada pelos efeitos da degeneração autoritária crescente da Rússia.



## O elogio do fracasso

Hélio Schwartzman

Ninguém gosta de fracassar, e isso é um problema. Nossa estrutura psicológica evoluiu para nos afastar de erros. Mas, se varrer falhas para baixo do tapete faz sentido no Pleistoceno, o mesmo raciocínio não se aplica na modernidade e suas instituições. A ciência, por exemplo, é um sistema no qual resultados negativos e hipóteses frustradas são parte indissociável do ecossistema. O saber não avança sem isso.

Não obstante, mesmo sabendo disso, cientistas ficam desanimados quando suas previsões iniciais fracassam. Por vezes, até tentam esconder seus erros — o que pode ser desastroso para o sistema. Em "Right Kind of Wrong" (o tipo certo de erro), Amy Edmondson (Harvard) traça uma cartografia dos erros. Eles podem ser básicos, complexos ou inteligentes. Podem ocorrer em situações de baixa, média ou alta incerteza. Podem dar-se em contextos já bem mapeados pelo conhecimento, nos nem tanto ou em terreno desconhecido. Cada combinação produz um resultado.

## Desprivatizar a caserna

Bruno Boghossian

Assim que Jair Bolsonaro deixou o poder, militares envolvidos na operação de um golpe já sonhavam com uma anistia. Era a 26 de janeiro de 2023 quando o tenente-coronel Mauro Cid escreveu que teria se preso. O general Estevam Theophilo respondeu que o golpe deveria ficar tranquilo: "No conversamos com o Arruda hoje. Nada lhe acontecerá".

Não havia sido o caso na história. Mesmo após a mudança de governo, Cid continuava na fila para assumir o batalhão de Operações Especiais. Theophilo, que semanas antes havia declarado apoio aos planos golpistas, integrou o Alto Comando. O general Júlio Cesar de Arruda era o comandante do Exército — seria demitido por Lula semanas depois.

A expectativa de blindagem reflete um processo amplo de uso das Forças Armadas como um fundo de corporativismo, ambições políticas e interesses privados de seus integrantes. Alguns deles exploraram a autoridade e a máquina militar tanto para elaborar a tentativa de ruptura como para proteger os golpistas.

## Mais autores ocultos

Ruy Castro

Na segunda-feira (12), aqui aliás das parcerias musicais em que um dos autores, por ser o cantor, dar o nome ao disco e ter a foto na capa, engole sem querer o outro e acaba com o único autor: T. Ciel Luis Gonzaga e Humberto Teixeira. Quantos sabem hoje que os grandes bailes de Gostoso, como o pioneirismo "Eu vou mostrar pra vocês/Como se dança o baião", são também de Humberto Teixeira, coautor das músicas e seu verdadeiro letrista?

O mesmo acontece quando um cantor, também famoso como compositor, se torna sem querer o autor de uma música de que não fez nem a música nem a letra: nos apenas a gravou. É por que não haveria essa confusão, se ela é do seu estilo e bem pedida ter sido composta por ele? Todos conhecem o samba-brega "Chiclete com Banana" (1959), de Jackson do Pandeiro. Pois é, não de Jackson, mas do baxano Gordurinha. E o xaxado-bossa nova "Paqueta" (1960), de Nelson. Os intérpretes que todos julgam de Ary Toledo?

## Uma atração fatal

Muniz Sodré

Professora emérita da UFPA, autor entre outros, de "Pensar Negro" e "Técnicas de Gê" Escrito nos dias seguintes

Entra para a história universal do protesto a autodidática escatológica do ex-presidente na reunião de 3/7/22: "Como é que eu ganho uma eleição, um fúdo como eu? Deputado do baixo clero, escrotizado dentro da Câmara, sacanagem, gozado, uma porra de um deputado". De fato, um atrozmente enganado, que começa a desvelar-se pela notícia de que mais de mil pessoas com mandados de prisão pelo 8/1 fizeram doações por Pix à anomalia. Segundo a pesquisa Quora, 43% das pessoas não vem desde dele na invasão. Ele já comeca para manifestação em fevereiro. Viável a hipótese de atração fatal. Num best seller sobre a Guerra ("O Barco da Agulha", de Ken Follet), os espíritos alemães na Inglaterra são descritos como "gente inútil", velhas solitárias, fascistas-loacecs e criminosos insignificantes, com algo em comum a atração por Hitler. Como os vindos do 8/1, massa de manobra barata.

Nesse gênero ficcional, dados históricos costumam ser verossímiles. Exceto aquele juízo de inutilidade. Na realidade, os comandos ingleses que degolavam sentinelas alemãs no deserto africano eram recrutados nessa arrai-mida social. Os "insignificantes" tornavam-se matadores. Era oportunidade, pode-se viver a atração por monstro como licença para assassinar. Plenitude hobbesiana: o homem é o único animal que assassina (outra é a lógica da fera, que mata por fome ou território).

Entender o empoderamento da insignificância exige enxergar o povo real e não derivações de um proletariado idealizado como classe histórica. O povo recém-descoberto à luz das redes sociais, do gnóstico movimento, almeja a organização de poder e do tropismo para a tirania não tem a ver com a ideologia do trabalho sob as formas do capital, e sim com o que a sociedade civil exclui.

Esse segredo sempre existiu como plebe, rale, lumpem, ou seja, estratos marginalizados e investidos de raizoc, abaixo do ordenamento culto que norteia a divisão social. A subjetividade política não mais se deduz da sociedade de classes. Mesmo nos surtos populistas, há sutileza à linguagem populista.

Atual ultradireita tem ouvidos abertos. Em princípio, por que não há diferença emocional entre ela e a insignificância cívica: uma massa tosa em que o indivíduo, além do círculo íntimo, não sabe mais ao certo quem é e ele mesmo. Mas o indivíduo é o indivíduo.

De miseráveis a bem-nutridos, fita a atração por assassinar, por modulações caracterológicas de Hitler, emblema cívico-militar do exterminio. Ou impulsão infanto-midiática para um Godzilla arrasador. É fenômeno impermeável à razão liberal, com "monstruário" alternável: proscrios marcados de Hitler (1934), ditados poluindo a civilidade.